

DINÂMICA FAMILIAR: NADA ACONTECE POR ACASO

Wagner José Klockner*

KLOCKNER, W.J. Dinâmica familiar: nada acontece por acaso. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*, 1 (1): 81-85, 1997.

RESUMO : Segundo o dito popular “nada acontece por acaso”, podemos dizer que em nível psíquico algum mecanismo está sendo ativado e este por sua vez influencia e até determina acontecimentos. O mecanismo ao qual nos referimos neste artigo diz respeito à repetição (processo inconsciente) que ocorre na dinâmica familiar. Enfocaremos a repetição relacionando-a com a escolha do nome e também alguns fatos. Por isso, fizemos um estudo bibliográfico objetivando fundamentar este artigo que contém citações justamente para possibilitar ao leitor uma maior compreensão do conteúdo teórico relacionado a uma situação real apresentada e discutida nesta oportunidade em forma de estudo de caso.

PALAVRAS-CHAVE: Dinâmica familiar, Repetição;

FAMILIAL DYNAMICS: NOTHING HAPPENS BY CHANCE

KLOCKNER, W.J. Nothing happens by chance. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*, 1 (1): 81-85, 1997.

ABSTRACT: If nothing happens by chance, we can say that at the psychic level some mechanism in being activated and in turn influences and even determines events. The mechanism to which we refer in this articles in the repetition (unconscious process) that occurs on the familial dynamics. We will focus repetition relating it with the choice of names and also some facts. Therefore, we carried out a bibliographic survey, intending to base this article, which contains quotations to make possible to the reader a better understanding of the theoretical content relatend to a real situation presented and discussed in this occasion as a study of a case.

KEY WORDS: Familial dynamics; Repetition.

Introdução

Quase sempre acontece assim: duas pessoas de sexos opostos se conhecem, namoram, ficam noivos e casam-se. Desta união nascem filhos que recebem nomes geralmente escolhidos pelos pais. Os filhos crescem e os pais envelhecem. Quanto mais os filhos avançam em idade cronológica, mais os pais estão chegando próximo do final da vida, ou seja, a sua finitude física, a morte. Tudo isso parece tão simples e tão natural que raramente paramos para refletir sobre a formação e a dinâmica familiar.

Poderíamos questionar então, por que duas pessoas se unem? O que um está buscando no outro: semelhanças, diferenças, complementos? Que tipo de sentimentos permeiam esta relação? São eles conscientes ou inconscientes?

Segundo LÉVI-STRAUSS, in Berenstein (1988) *os modelos conscientes ocultam a estrutura que os integrantes possuem em relação à estrutura e que são encobridoras ou falsas, mesmo quando esta falsidade seja um dado para se aproximar da estrutura em questão. O inconsciente é matriz de significações comuns e possíveis de serem partilhados com outros que passaram por experiências similares. Não poderia ser de outra forma e isto estabelece as opções pelas quais*

escolhe-se ou deixa-se de lado com quem constituir um grupo familiar.

Considerando os mecanismos inconscientes envolvidos na dinâmica familiar, podemos citar as repetições. Em algumas famílias ocorrem repetições de forma menos intensa que em outras e podemos inferir que isso ocorre devido ao grau de maturidade relacional adquirido pelos membros da família.

CERVENY (1994) diz que *toda família repete e há repetições que mantém a família como um sistema, podendo, inclusive, prover esse sistema de uma identidade específica que o diferencia de outros. A repetição dos padrões interacionais multigeracionalmente toma outra dimensão quando impede o sistema familiar de mudar e crescer ou quando mantém uma família num nível tão disfuncional que a intervenção terapêutica se faz necessária.*

Ao efetuar uma revisão de vários autores sobre o fenômeno da repetição e reedição pela família, esse autor aponta que:

Mc GALDRICK & GERSON (1985) *apud* CERVENY (1994) afirmam que *as famílias repetem-se a si mesmas. Questões que aparecem numa geração podem passar a geração seguinte sob outra forma.* Cervený complementa que padrões

* Docente de Psicologia Organizacional e Supervisor do Estágio em Psicologia Organizacional da UNIPAR.

interacionais, às vezes, podem até pular gerações.

ELKAIM (1989) *apud* CERVENY (1994), diz que, *independente da singularidade ou especificidade de cada família em como transmitir e elaborar seus modelos, não existe dúvida na transmissão dos mesmos. Seria possível afirmar categoricamente que toda família transmite o seu modelo, mesmo aquelas que cuidam muito para não o fazer.*

WATZLAWICK (1967) *apud* CERVENY (1994) afirma que *um fenômeno, uma ação, parece inexplicável enquanto o âmbito de observação não for suficientemente ampliado para incluir o contexto em que esse fenômeno ocorre.* CERVENY (1994) acredita que em alguns casos ocorre um determinismo gerado por uma impotência e uma paralisia ligada aos padrões repetitivos que leva a uma impossibilidade de ser pensado.

BOSZORMENYI-NAGY (1973) *apud* CERVENY (1994) diz que *por mais que queiramos desprender-nos da carga do passado, a estrutura básica de nossa existência e a de nossos filhos está determinada, pelo menos parcialmente, pelas contas não saldadas das gerações passadas.*

Faz parte das repetições a escolha do nome do filho. Ao atribuir um nome a uma criança, os pais não podem imaginar a influência que este pode exercer na vida psíquica futura do filho.

Segundo BERNSTEIN (1988) *os nomes próprios apresentam as seguintes características:*

a) *unicidade: cada nome denomina um sujeito único;*

b) *identificação: é como uma marca que permite distinguir uma pessoa de outra na memória e para identificá-la no tempo e no espaço como uma pessoa diferente de outra;*

c) *denotação: cada nome constitui um signo pertencente a um sistema cuja estrutura temos de reconstruir, já que suas regras de constituição são, com frequência, inconscientes. O nome pode conotar origem, crença religiosa, atitudes dos pais o que é facilmente legível analisando os nomes dados a diferentes filhos;*

d) *som distintivo: parece se referir à característica dos nomes próprios como adscritos a um som criado, especialmente para a designação e distinto do usado para designar objetos. Esta descrição esbarra em alguns nomes, por exemplo Rosa, onde o mesmo som denomina pessoa e objeto;*

e) *critérios gramaticais: existem algumas*

propriedades cuja tendência é de diferenciar nomes próprios de comuns e variáveis de língua para língua.

BERNSTEIN (1988) afirma que *os nomes familiares podem ser classificados em cinco grupos:*

a) *descritivos da aparência ou do caráter: utilizam-se, geralmente como apelidos: baixinho, magrela, louro, etc.;*

b) *que lembram um acontecimento familiar: "Rosa" por ter nascido no dia de Santa Rosa o que marcava um acontecimento familiar vinculado com uma mudança de moradia o que remedia, por sua vez, a uma reconciliação entre os pais;*

c) *identificativos da conexão com alguém, geralmente pais ou avós (vivos ou mortos);*

d) *descritivos da residência ou da residência inicial;*

e) *nomes que especificam a ocupação: Sastre (alfaiate), Herrero (ferreiro), Manzenero (cultivador de maçãs).*

O mesmo autor entende que *os nomes derivam, informam e remetem a um sistema de relações a partir do qual sua significação é definida. Neste sentido, o nome pode se constituir em signo desprendido de um sistema significante. Os nomes próprios fazem parte, não somente de um sistema classificatório de pessoas, mas são ainda signos da organização inconsciente do sistema familiar e dispõem a localização das pessoas geradoras nesta estrutura.*

BERNSTEIN (1988) argumenta que *cada família ordena seus acontecimentos vividos num tempo que retém todas as características da estrutura familiar. Quando os membros de uma família relatam sua história como grupo, eles lembram conscientemente alguns acontecimentos passados, certamente importantes e gravados por eles na memória, mas esquecem também alguns episódios e ocultam outros, possivelmente não menos importantes. Os acontecimentos lembrados são ordenados a partir da organização atual da família e muitas vezes contribuem para explicar algumas de suas contradições.*

Para o mesmo autor *o tempo é considerado um objeto semiótico organizado que deriva de uma estrutura familiar inconsciente.*

Os acontecimentos vividos colocam-se no passado, os que estamos vivendo no presente e os que esperamos viver no futuro. O Tempo se transforma num marco onde se colocam não só os acontecimentos vividos, mas também a rela-

ção entre todos eles.

Há um tempo onde os episódios são vividos e outro tempo onde são lembrados e agrupados a partir do presente e como toda ordenação, varia naturalmente de acordo com uma concepção nem sempre explicitada de modo consciente.

As famílias, assim como os países, apagam da sua história os acontecimentos indesejáveis ou os conservam, mas colocados num outro tempo, com o que adquirem um significado diferente do original. Podem também, de comum acordo, empalidecer acontecimentos significativos ocorridos, reavivar fatos pouco significativos e mesmo acrescentar outros realmente não acontecidos para dar coerência à sua história. Os acontecimentos que lançam sombra ou vergonha sobre a história da família são indesejáveis.

BERENSTEIN (1988) coloca que na nossa cultura o tempo histórico, pode também ser entendido em função das estruturas diferentes nas que se separa o acontecer, mas para isso é necessário passar do tempo observado ao tempo pensado ou concebido como objeto teórico, não empírico. É possível agrupar o tempo em vários tipos de periodização ou divisões do tempo:

Tempo convencional: marcado pelo relógio ou o calendário de acordo com as convenções, segmenta o tempo em horas, minutos ou segundos, ou em dias, semanas, meses e anos.

Tempo biográfico ou cronológico: é um tempo evolutivo, com direcionalidade, não reversível, porque os acontecimentos estão ordenados numa única direção de antes para depois. Os períodos estão agrupados de acordo com os acontecimentos significativos variados de todo grupo familiar tal como nascimentos, mortes, casamentos, mudanças, etc. É um tempo próximo ao convencional, mas diferente, porque embora ocupado por elementos variados, refere-se a acontecimentos passados.

Tempo mítico: consiste em estabelecer uma determinação causal entre os acontecimentos passados graças a algum tipo de relação. Dispõe da relação temporal antes-depois e introduz o tipo de explicação causal pelo qual aquilo que aconteceu antes é o motivo do que aconteceu depois. É um tempo com uma determinação causal linear. Se tomamos o tempo mítico como um objeto semiótico vemos que tudo pode voltar a acontecer se se dão certos acontecimentos desencadeantes. Os fatos se conservam num tempo invariável. Os períodos do tempo mítico se re-

produzem em diferentes épocas do acontecer temporal de um grupo familiar e implica numa primeira generalização e num primeiro esforço de abstração.

Tempo inconsciente: é não evolutivo, reversível. É o tempo da significação, do modelo estrutural e não só o dos acontecimentos biográficos. O tempo do modelo é aquele onde as diferentes sequências de acontecimentos ordenam-se numa unidade temporal estável e, embora originada em princípio nos acontecimentos empíricos, serve-lhes, porém, como marco e lhes dá significação oculta.

O tempo inconsciente mantém numa mesma estrutura acontecimentos ocorridos em épocas diferentes, agrupadas num modelo regulador que lhe dá sentido. É um tempo construído pelo observador.

No caso a seguir, poderemos perceber a repetição no que diz respeito a nomes e ocorrência de fatos.

Família 01: Honório Y. e Olga E. E. casaram-se e tiveram cinco filhos: Diana, Dianilde, Henrique, Honório Jr., e Renato. Quando o caçula tinha 10 anos o casal adotou um menino de 06 anos que tem o nome de Hernesto L. Q.

Família 02: Augusto G. e Celeste S. casaram-se e tiveram sete filhos: Jeremias, Jailson, Jailton, Jânio, Júlia, Juliano e Jurema.

1. As duas filhas mulheres Diana e Dianilde iniciam o nome com as **quatro mesmas letras**;
2. Os dois filhos homens mais velhos Henrique e Honório Jr. iniciam o nome com a **mesma letra**, sendo que o **segundo tem o mesmo nome do pai**;
3. O terceiro filho homem, Renato (caçula), quebra a sequência, sendo que **seu nome não se inicia nem com a letra das irmãs, nem dos irmãos**;
4. O quarto filho homem, Hernesto L., foi adotado quando tinha seis anos de idade e tem a **mesma inicial do nome dos outros dois filhos e do pai**;
5. A filha mais velha, Diana, casou-se com R.L.J. e teve três abortos. Separou-se e casou-se novamente com outro homem de **nome e sobrenome exatamente igual ao do primeiro marido**, tendo com este dois filhos: Carlos e Renata "coincidentemente" homenagem ao tio (Renato) que **não teve** a inicial do seu nome igual ao dos outros irmãos). R.L.J. tem uma irmã, Marcia;
6. A segunda filha do casal, Dianilde, casou-se com Marcos Samuel, tendo com este dois filhos: O lí-

- via e Camilo. Marcos tem dois irmãos: Marcilene e Maurício (falecido), **todos iniciais M.**
7. O terceiro filho do casal, Henrique, é o homem mais velho e casou-se com Jurema S. Gordon tendo com esta dois filhos: Rodrigo e Rafael. Jurema têm seis irmãos: Jeremias, Jailson, Jailton, Jânio, Júlia e Juliano (**todos com inicial J**);
 8. O quarto filho do casal, Honório Jr., é o segundo homem e casou-se com Yara que tem dois irmãos, Yeda e Afonso (**irmãs com iniciais iguais**). Este casal não tem filhos;
 9. O quinto filho do casal, Renato, é o terceiro homem e casou-se com Gláucia que tem um irmão, José. O casal está esperando o primeiro filho;
 10. O sexto filho do casal, Hernesto L., é o quarto homem e é solteiro;
 11. Dianilde, Henrique e Honório Jr., casaram-se com pessoas que em suas famílias **havia a mesma tradição das iniciais iguais dos nomes**;
 12. O terceiro filho do casal (Henrique) é o único que até agora **mantém a tradição**, dando a seus filhos nomes com a **mesma inicial**: Rodrigo e Rafael (Henrique relatou que sempre achou de **mau gosto e pouco criativo** dar aos filhos nomes com as **mesmas iniciais** e afirma não ter percebido que ao dar nome de Rafael, ao segundo filho, **estava repetindo a tradição de sua família sua e de sua esposa Jurema**. É interessante salientar que enquanto solteiro, Henrique sempre foi o filho que **contestou e quebrou as regras**;
 13. Dos sete filhos do casal, Augusto e Celeste, todos casaram-se e têm filhos. **Três seguiram a tradição de colocar nos filhos nomes com a mesma inicial**. Jailton casou-se com Marilda, tendo com esta três filhas: Angela, Ana Maria e Amália. Júlia casou-se com Pascoal, tendo com este quatro filhas: Samara, Silmara, Sueli e Sara (falecida). Jurema casou-se com Henrique, tendo com este dois filhos: **Rodrigo Gordon Y. e Rafael Gordon Y.**;
 14. Henrique é um homem alto e gordo e em sua época de Universidade recebeu de seus amigos o apelido de “**gordão**”, apelido que ainda perdura até hoje;
 15. Quando Henrique cursava o segundo ano da Universidade, conheceu Jurema S. Gordon com quem se casou dois anos mais tarde. (**Note a semelhança: Gordon e Gordão**). Os dois filhos deste casal herdaram da mãe o sobrenome **Gordon** que passou a ser o segundo nome dos mesmos. Algumas pessoas enganam-se pensando que o **Gordon** no nome dos filhos é em função do **apelido do pai**. Na escola, Rodrigo, o filho mais velho do “**gordão**” é chamado pelos colegas de **Gordon**;
 16. Quando Henrique tinha dois meses de idade, na **véspera de natal**, recebeu medicação “errada” de sua mãe e foi hospitalizado, quase o levando a óbito. (Esse fato sempre foi muito velado na história familiar);
 17. Henrique, **após trinta e três anos repete o fato ocorrido consigo**. Também, numa **véspera de natal** deu medicação errada ao seu filho mais velho, sendo necessário este ficar hospitalizado para fazer lavagem estomacal.
- Por todas as “coincidências” apresentadas acima e considerando o referencial teórico apresentado é que este trabalho recebeu o nome de “**Nada acontece por acaso**”.

Referências Bibliográficas

- BERENSTEIN, I. **Família e doença mental**. São Paulo, Escuta, 1988.
- CERVENY, C.M.O. **A família como modelo: desconstruindo a patologia**. São Paulo, Editorial PSY II, 1994.
- LAMANNO, V.L.C. **Repetição e transformação na vida conjugal: a psicoterapia do casal**. São Paulo, Summus, 1994.
- LÈVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis, Vozes, 1976.

GENOGRAMA:

